

## **AS COMUNICAÇÕES E AS RELAÇÕES SOCIAIS NAS PINTURAS RUPESTRES**

Michel Justamand

Recibido 10 de agosto de 2014. Aceptado 15 de diciembre de 2014.

### **Resumo**

O presente artigo versa sobre as pinturas rupestres, suas diversas funções comunicativas e suas relações socioculturais. Entre essas funções estão as de servirem como guia de instruções da vida ancestral, funcionando também como um manual de vida no meio ambiente em que vivem. São conhecidas também bibliotecas a céu aberto, graças à possibilidade de acesso fácil, como no caso das cenas do Parque Nacional Serra da Capivara, (Piauí/Brasil), de onde tiramos as cenas para a base destes escritos que seguem. Mas também este artigo se preocupa com a comunicação. Entende-se, nessa produção, que as pinturas rupestres foram um meio de comunicação essencial e muito utilizada pelos primeiros grupos habitantes do mundo, mas especialmente das Américas. Elas teriam contribuído com seus símbolos e signos na manutenção da vida e nas formas de obter conhecimentos e preservá-los para as futuras gerações. Nas rochas onde estão plasmadas, as pinturas apresentam uma série infinita de formas e gestos ainda hoje reconhecíveis. E tais formas reconhecíveis, como nós as entendemos neste artigo, é que foram e formam um cabedal de saberes trocados e compartilhados pelos grupos humanos produtores e usuários dos inscrites rupestres.

**Palavras-chave:** pinturas rupestres, comunicação, relações sociais

### **Resumen**

El presente trabajo discute las pinturas rupestres, sus varias funciones comunicativas y sus relaciones socioculturales. Entre estos roles, el arte rupestre sirve como una ancestral guía de instrucciones para la vida y funciona también como un manual de vida acerca del medio donde vivían. Son también conocidas como “bibliotecas a cielo abierto”, debido a la posibilidad que ofrecen de obtener acceso fácil a sus riquezas, tal como se ve en el Parque Nacional de la Sierra de Capivara, de donde extraemos las escenas que sirven de base a este artículo. El trabajo también se enfoca en la comunicación. A través de ella entendemos que el arte rupestre fue en medio de comunicación esencial y muy utilizado por los primeros habitantes del mundo, especialmente en América. Habrían contribuido con sus símbolos y signos al mantenimiento de la vida y como formas de obtener conocimiento y preservarlo para las generaciones futuras. Estas pinturas, en las rocas sobre las que se plasmaron, presentan una infinita variedad de formas y gestos que aún son reconocibles hoy en día. Tales formas reconocibles, como se discute en este artículo, proporcionan una riqueza de conocimiento intercambiado y compartido por los grupos humanos que produjeron y usaron las inscripciones rupestres.

**Palabras clave:** pinturas rupestres, comunicación, relaciones sociales

### **Abstract**

The present paper discusses rock art paintings, their several communicative functions and their sociocultural relations. Among these roles, rock art serves as an ancestral life instruction guide and works as an environment life manual of where they lived in. They are also known as “open skies libraries”, due to the possibility of gaining easy access to their riches such as shown in the Serra da Capivara National Park, where we extracted the scenes and based the following writings. This article is also concerned with the communication. Through it we understand that the rock art paintings were an essential and very well used way of communication by the first population groups of the world, especially in America. They would have contributed with their symbols and signs to the maintenance of life and as ways

of obtaining knowledge and preserving it to future generations. These paintings, on the rocks where they were molded on, present an infinite array of shapes and gestures very well acknowledged till today. Such recognizable shapes, as seen in this article, provide exchanged and shared knowledge wealth from the rock art painting manufacturer and user groups.

**Key words:** Rock Art Paintings, communication, social relations

## Introdução

*As obras de arte são singularidades que expressam uma ideia unificadora. E essas singularidades viajam pelo mundo para mostrar as suas unicidades.*

**Paul Ricoeur**

*A arte dá beleza ao mundo.*

**H. Reeves**

*As sociedades nunca morrem, pois elas permanecem de diversas formas no inconsciente coletivo.*

**Michel Serres**

Muito antes de 1500 d.C., no Brasil e no mundo, comunicar-se era vital para que ocorressem relações sociais. Relações sociais que nos parecem necessárias à vida de qualquer grupo. Assim, acreditamos que as formas de comunicação ancestrais eram eficientes, visando transmitir conhecimentos, ideias, informações, novidades e histórias para as suas futuras gerações, naqueles espaços em que viviam ou viriam a coexistir.

A partir desse fato, era necessário para a vida do grupo ou grupos se relacionarem socialmente, entenderem os códigos e condutas construídas por todos para poderem viver razoavelmente ou, do contrário, entrariam em desacordos, gerando conflitos.

Acreditamos que as pinturas rupestres seriam uma dessas muitas formas de comunicação, talvez das mais significativas para o período de até 26000 anos atrás, quando se tem notícias de sua construção, que está situada no Parque Nacional Serra da Capivara (PARNA), no Estado do Piauí, no Brasil (Lage 1998:204) e com mais de

100000 anos em outras partes do mundo (<http://www.epochtimes.com.br/pinturas-rupestres-ajudam-compreender-nossos-ancestrais/#.VBh-LpRdXQU>).

As pinturas rupestres, segundo nos parece, teriam tido significativo papel transmissor de comunicações para os grupos ancestrais, pois podiam ser usadas para se entender o mundo que as circundava a partir de suas imagens que retratavam os mais variados aspectos da vida cotidiana do período e as ideias de interesse social (Justamand 2006:11).

No mundo ancestral, a técnica de transmissão de conhecimento por intermédio das pinturas deve ter ocorrido com facilidade e teria tido seu processo de construção naquele meio social, que muitos entendem como rústico e que apresentava as condições ambientais para aquela prática. As rochas, os lascamentos e as cores contribuíram para o desenvolvimento mental humano (Klein e Edgar 2004:14).

As relações sociais teriam sido facilitadas por meio das inscrições rupestres, como uma das formas de comunicação criadas à época, por trazerem conhecimentos acumulados e transmitidos para as futuras gerações (Justamand 2006:24).

As pinturas rupestres são formas culturais de nos reportamos à memória dos primeiros povos. Acreditamos que a memória cultural ocorre por meio da grafia-desenho, uma maneira de guardar a síntese do desenvolvimento, que consistia em escrever através de símbolos, traços, formas e deixar registrado no barro, no traçado de uma folha de palmeira transformada em cestaria, na parede e até no corpo, por meio de pinturas feitas com jen-

ipapo (genipa americana) e urucum (bixa orellana) (Jecupé 1998:26).

As inscrições rupestres resgatam a memória cultural de um ou mais grupos, considerando que eles foram os primeiros habitantes, especialmente no caso do Brasil e da América como um todo. Estes grafismos rupestres conteriam a síntese dos ensinamentos acumulados há milhares de anos, registrados em seus símbolos pintados nas paredes das rochas. Assim, conforme nos parece, a interpretação de pesquisas e investigações de objetos e vestígios ancestrais sobre as pinturas rupestres passam a não ser responsabilidade apenas dos arqueólogos. Espera-se que esses objetos e vestígios falem de si mesmos e de seus criadores para se descobrir como se deu o desenvolvimento tecnológico, os modos de adaptação à natureza circundante, aproveitando-se dos recursos disponíveis, para por meio deles desenvolver a arte, a mobilidade dos grupos e os contatos entre as mais diversas culturas (Jecupé 1998:30).

Parece que nos resultados das pesquisas arqueológicas estão presentes as devidas comprovações científicas para as discussões mais específicas a respeito da importância das pinturas rupestres (Justamand 2006:31), no período muito anterior à conquista, no continente ameríndio.

Os objetos falam por si mesmos, conforme acreditamos, a partir dos estudos arqueológicos, significando que as inscrições rupestres nos apontam ou ainda demonstram, falam, gritam (Justamand 2006:13), um pouco mais da História Ancestral do Brasil (Justamand 2005:41) e dos outros países do continente americano.

O reconhecimento da arte pintada ou inscrita nas rochas por indivíduos ou diferentes grupos, permitiu que as relações sociais ocorressem com maior intensidade.

Por conseguinte, abordamos através destes escritos os seguintes assuntos relativos às questões das relações sociais, das

formas de comunicação e das pinturas rupestres. O porquê dos relacionamentos sociais ocorrerem está abordado na primeira parte, o como estas relações ocorriam na segunda e a última parte é dedicada a entender as relações que as pinturas rupestres sugerem.

### **Por que se relacionavam socialmente?**

As pinturas rupestres facilitavam as relações por meio de suas formas comunicativas. Para relacionar-se num determinado espaço e tempo é necessária uma forma de comunicação que seja compreensível ao grupo a que se dirigem. As pinturas teriam essas condições. No Brasil, nos demais países americanos, assim como também em todo o mundo, as pinturas rupestres tiveram papel social na disseminação das ideias dos grupos.

Como é de conhecimento geral, o continente americano é considerado por antropólogos como um verdadeiro laboratório, onde está a maior variedade de ambientes geográficos e estão os maiores níveis de desenvolvimento sociocultural desde a pré-história e de toda sua etnografia. No continente americano se encontra o maior grau de mestiçagem biológica e cultural. Por conseguinte, tudo isso nos permite fazer a mais adequada seleção de exemplos para qualquer aspecto analítico da cultura, tal como é o fenômeno da arte (Franch 1982:13).

Pela dimensão territorial do próprio continente e por sua diversidade biológica, antropológica e sociocultural, transmite-se a ideia de que temos uma das maiores complexidades culturais na América. Esses aspectos ocorrem desde o início do povoamento. Este fenômeno permitiria que desenvolvêssemos uma análise relacional e comparativa das pinturas rupestres, espalhadas por todo o continente.



Figura 1. Sítio Toca da Extrema II, Serra Branca, Parque Nacional Serra da Capivara.  
Cena de Relação entre humanos e o meio ambiente.

As pinturas, se entendidas como cultura, facilitariam a adaptação dos primeiros habitantes ao meio ambiente em todas as partes do mundo. A cultura seria um produto social que, de algum modo, contribuiria para o homem em sua adaptação ao meio em que vive (Franch 1982:61).

Haveria, sim, relação entre cultura, sociedade e meio ambiente. Esta relação se faz necessária a todo meio social e em qualquer tempo da História da Humanidade. Isso porque sem compreender o meio ambiente e retirar dele aquilo de que se necessitam, os humanos se extinguiriam (Justamand 2006:17).

Para que as relações entre os diferentes grupos humanos e o meio se desenvolvessem, eram necessárias que as produções rupestres fossem interpretadas e conseqüentemente entendidas pelos grupos

usuários. Assim teriam utilidade social, religiosa, cultural, ou outra qualquer, para os grupos que coexistiam nos meios ambientes onde foram feitas.

A obra artística não funcionaria apenas como obra de arte, mas também como “palavra” que exprime o estado de espírito, a ideia e o sentimento. Existem artes em que esta função comunicativa é muito evidente (a poesia, a pintura, a escultura) (Mukarovsky 1988:14).

As pinturas teriam tido a função de comunicar, como têm as palavras, os signos ou os símbolos reconhecíveis. Elas nos mostrariam o poder de relacionamento social, pois exprimiriam, em alguns casos, o estado de espírito, as ideias e os sentimentos humanos. Esta qualidade faz com que a obra de arte se assemelhe aos signos puramente comunicativos (Mukarovsky

1988:17).

A qualidade de transmissão de ideias tornavam as pinturas importantes para as sociedades que as utilizavam como meio de comunicação de seus interesses sociais e culturais. Faziam isso em nome de uma vida melhor no ambiente em que habitavam (Justamand 2008:19).

A estética pode ter um valor de relacionamento social inerente. Assim a estabilização da função estética é um assunto da coletividade e um componente da relação da coletividade humana com o mundo. Por isso uma determinada extensão da função estética no mundo das coisas relaciona-se com um determinado conjunto social (Mukarovsky 1988:34).

Acreditamos que a função estética das pinturas rupestres serviria para facilitar a vida sociocultural dos primeiros habitantes do Brasil. Elas substituiriam aquilo a que se referiam. Compunham um cabedal de conhecimentos que contribuiria de alguma maneira, para as interações e relações sociais dos grupos humanos e des-se com o meio em que viviam (Justamand 2012:41-43).

É possível que um signo substituísse uma coisa e ao que ela se referia. Para que se emprega o signo? Para servir de comunicação entre indivíduos, membros de uma mesma comunidade; essa é, principalmente, a finalidade da linguagem, que é o mais desenvolvido e completo conjunto de signos (Mukarovsky 1988:71). Dessa forma, entendemos que os signos rupestres foram utilizados para a comunicação e a compreensão dos grupos nos relacionamentos que ocorriam, também, por meios artísticos, como as inscrições rupestres.

As pinturas rupestres poderiam garantir a relação entre a sociedade e a realidade da vida dos grupos. A importância do problema do valor estético independente reluz ainda mais claramente, quando se procura a sua solução, procura essa que nos conduziu ao objetivo fundamental da

arte, o de reger e renovar a relação entre homem e realidade, entendida como objetivo do comportamento humano (Mukarovsky 1988:88).

A arte demonstra com clareza que nem a relação entre a cultura e o homem, nem as relações entre as várias esferas da cultura são unívocas. Na realidade, a obra de arte pode vir a ser característica não só da sociedade ou nação em que apareceu como também da sociedade ou nação que recebeu a obra de arte já pronta, embora a organização dessa e a sua atitude poética a tenham efetivamente criado (Mukarovsky 1988:241).

As relações sociais transmitem-se, também, nas interações entre as diferentes sociedades. Os grupos humanos que viviam no continente americano participavam de trocas e interações sociais, as mais diversas. A percepção que temos é que as pinturas rupestres apresentam tais intercâmbios em suas formas imagéticas (Justamand 2007:41).

As pinturas rupestres, ao que tudo indica, contribuíam para que ocorressem as práticas de trocas de conhecimentos culturais, ou, ainda, os legados dessas informações para os futuros habitantes do espaço usado cotidianamente. Espaço que registrava a mobilidade e sua frequente transposição humana há milhares de anos no continente americano. Presença humana que pode chegar a ser de no mínimo de 15000 anos (Gosden 2012).

A cultura torna-se visível nas artes, nos sistemas sociais, nos hábitos e costumes e na religião dos grupos humanos (Elliot 1988:149). A cultura presente nas artes, como são as pinturas rupestres, indicaria o modo de vida de seus produtores. E os motivos criados por seus artistas se relacionariam com o meio ambiente em que viviam. Assim, parece-nos que as pinturas contribuíam para que as relações sociais ocorressem, dinamizando saberes e informações necessárias à vida, na época (Jus-

tamand 2006:18).

A arte teria, nesse contexto, o papel de informar o cotidiano e o futuro. As pinturas teriam o intuito de propagar para as próximas gerações, os saberes acumulados ao longo de anos. Saberes que também são reconhecidos por esses grupos, garantindo para o futuro a promoção substancial, por meio das cenas rupestres na vida dos grupos (Justamand 2010:17-18).

Já a arte, que é uma linguagem, não de palavras, mas de signos, de imagens de coisas antes da ideia, imagens universais não redutíveis a conceitos que estruturam e se hierarquizam como um ramo da semiologia. Ela abrange a vida e informa agora o futuro (Read 1991:164). As pinturas rupestres informavam para outros grupos parte do que poderia ser seu futuro, caso praticassem aqueles ensinamentos, ou mesmo se não os praticassem. Serviam como sinais de um código de conduta de como agir naqueles tempos ancestrais. Por intermédio de seus signos e imagens, apre-

sentavam as necessidades universais e os desejos de todos os grupos (Justamand 2010:20). As pinturas, como as artes, em geral, eram uma necessidade coletiva, relacional e social entre os indivíduos dos grupos em qualquer lugar do mundo.

Volta-se a esperar das artes que reapareçam semelhantes as das culturas primitivas pré-capitalistas, quando o produtor artesanal se confundia com o criador e não havia distinção entre a criação individual e a criação social coletiva. A arte não tinha então um lugar à parte para ser oficiada e consagrada por uma elite, como ocorre a partir do Renascimento. Eram simplesmente uma necessidade coletiva, como as festas, os ritos de iniciação da sociedade tribal (Read 1991:167-168).

As pinturas seriam como que uma necessidade coletiva da vida em grupo, em nome de sua própria socialização dos saberes e dos conhecimentos, para a divisão dos afazeres e da produção e da compreensão das histórias e lendas do grupo.



Figura 2. Sítio Boqueirão da Pedra Furada, Serra da Capivara, Parque Nacional Serra da Capivara. Cena de Ritual.

Dessa forma, as inscrições rupestres eram produtos úteis da sociedade, daquele coletivo produtor (Justamand 2007:22).

### **Como ocorriam as relações?**

Nas pinturas rupestres do Brasil, em especial, estão presentes as relações entre os modos de vida dos humanos, como os relacionados ao ato de caçar e coletar. Mas existem cenas, provavelmente, de rituais. Há ainda cenas de ações sociais, como as de sexo, as de lutas sociais e as de conflitos. Há cenas de interações com o meio ambiente ou mesmo com os outros animais (Justamand 2010).

As pinturas rupestres se entrelaçavam com diversas formas apresentadas pelos próprios paredões, seus cortes e recortes naturais. Os artistas rupestres usaram

as dobras das rochas para a realização de suas obras. Eles praticaram isso em lugares espalhados pelo país e pelo continente americano. Imaginamos que por todo o mundo essa técnica foi usada. Assim, como também muitos foram os artistas, muitas são as diferentes formas da participação dos outros “corpos” estranhos, grupos diferentes dos que primeiramente pintaram, participaram esses da pintura num outro momento histórico. Isso porque muitas pinturas foram feitas e sobrepostas. Assim elas ganhavam novos contornos e adereços, ganhavam novas contribuições em suas linhas.

Sabe-se que a população das Américas pré-conquista europeia era muito maior do que se supunha. E, como eram muito maiores, estas populações estavam de certo modo em contato umas com as outras e as crenças, as práticas e os costumes



Figura 3. Sítio Toca da Extrema II, Serra Branca, Parque Nacional Serra da Capivara. Luta Social.

se difundiam (Levi-Strauss 1978:44). Os grupos utilizavam as pinturas para medir, resolver ou até mesmo lutar em suas relações sociais. Essas possibilidades estavam presentes graças aos contatos permanentes e as trocas socioculturais que, com muita certeza, devem ter ocorrido intergrupos nas Américas.

As pinturas, como sabemos, estão espalhadas por todo continente, havendo pinturas e/ou gravuras rupestres em todos os países. Contribuiriam como uma das formas de comunicação para a ocorrência das relações sociais para os grupos. Plasmadas nas rochas, exprimiam produzindo e reproduzindo os conhecimentos acumulados ao longo dos anos pelos grupos (Justamand 2007:26).

Existiria a relação de influência e de trocas mútuas entre os grupos por meios visuais, pois toda experiência visual é inserida num contexto de espaço e tempo. Da mesma maneira que a aparência, os objetos sofrem influência dos seus vizinhos nos mesmos espaços, ali há retro apreensão do que já foi visto antes (Arnheim 2000:41).

A transmissão, que ocorria por meio das pinturas rupestres, transcendia o tempo e o espaço onde havia sido produzida. Assim, influenciavam outros grupos humanos, vizinhos ou ocupantes do mesmo espaço, tempos depois. Tal influência ocorreria por meio da visualidade que ali ficou exposta nas paredes das possíveis moradias ou rotas de passagem dos grupos humanos ancestrais do continente americano.

As pinturas rupestres apresentavam relações entre os humanos e suas necessidades básicas. Por meio das representações de caça e coleta, por exemplo. Dessa forma, os grupos ancestrais ampliavam seus métodos, visando facilitar suas próprias vidas. Citando exemplos: quando o homem, por exemplo, apunhala numa imagem o seu inimigo, esperan-

do com isso ferir a pessoa representada, ou se, antes de partir para a caça dispara sobre uma figuração de animais, convencido que atingiu antes mesmo de vê-los e atingir com projéteis reais, nesses casos o homem atua na realidade mediante outra realidade, atua indiretamente. A realidade que serve de intermediário (imagem) não é neste caso um instrumento, mas um signo e não um signo-instrumento, mas um signo independente, equivalente à realidade que substitui (Mukarovsky 1988:104).

Haveria relação das pinturas rupestres utilizadas pela sociedade em busca das resoluções que lhe interessavam como a mobilidade. Como resolver o que fazer: caçar, coletar, ou ainda compartilhar o que dispunham. Nota-se em cenas de repartição de animais a possibilidade da divisão da produção dentro dos grupos e até mesmo com outros parceiros. Essa relação entre as pinturas rupestres e a sociedade usuária é direta e bastante objetiva. Nas paredes estariam plasmadas as situações socioculturais em suas mais variadas formas.

As pinturas rupestres, de modo artístico, tinham muitas funções na relação dos homens com sua realidade vivida na época. Mas também dessas com o ambiente social. As razões da arte podem levar os humanos a tomar consciência, em todas as ocasiões, da quantidade de atitudes ativas que podem adotar perante a realidade tão inesgotável, assim como o caráter multifacetado da realidade é encoberto pela rígida hierarquia das funções de orientação única (Mukarovsky 1988:225). As atitudes tomadas frente ao desenrolar das nossas ações na realidade da sociedade seriam inúmeras e complexas. As pinturas contribuiriam nas tomadas de decisão, tendo o papel de orientadoras com suas múltiplas funções. Teriam a responsabilidade da transmissão cooperativa, organizada e se transformado num patrimônio social cooperativo e coletivo.



Figura 4. Sítio Toca da cabaceiras, Serra Talhada, Parque Nacional Serra da Capivara. Divisão da caça.

O saber traria caráter público e cooperativo, e apresentar-se-ia como uma série de contribuições individuais, organizadas sob a forma de um discurso sistemático e oferecidas com vistas a um êxito geral, que deve ser patrimônio de todos os homens (Rossi 1989:16). Esse saber nasceria da colaboração entre vivos e mortos e do trabalho comum. Ele não está encerrado apenas nos arquivos e bibliotecas, mas atua e toma corpo em todas as atividades a que se dedicam os humanos e contribuem para a obra dos cientistas e doutos e para as observações dispersas dos artesãos e camponeses. Também contribuem outras categorias sociais como músicos, pessoas do teatro, marinheiros, mercadores, cavaleiros, dançarinos e charlatões (Rossi 1989:111). Todos sem exceção, sempre contribuíram!

Os humanos dependem uns dos outros. As diversas atividades que realizam têm relação entre si e mesmo que, nem todos os humanos vejam, são nas colab-

orações e nas participações coletivas que todos apresentam tanto as ideias quanto as sugestões para o desenvolvimento do próprio gênero humano. Portanto, as pinturas rupestres colaboravam com estes aspectos, como arte e como cultura, voltadas em todos os momentos aos grupos que as produziram e a outros que as usassem também no porvir.

Sabemos que existem produções rupestres em todos os recantos do mundo. Notamos as muitas recorrências nas cores escolhidas, nas técnicas usadas. Acreditamos que haveria relação cultural entre essas diversas formas produtivas pictóricas no planeta proporcionadas pela intensa colaboração entre os grupos. Os gravados de Chinchero, por exemplo, próximo a Cuzco, no Peru, referem-se a desenhos extraordinariamente semelhantes aos de tantos e tantos gravados rupestres ou petróglifos como aparecem distribuídos por todo o mundo (Franch 1982:40).

Parece-nos que gravar as paredes de lo-

cais por onde passavam integrava a cultura dos povos do mundo (Justamand 2006). Estes desenhos ou pinturas espalhados contribuíram para a disseminação das técnicas de produção, de saberes e de conhecimentos socioculturais acumulados. O uso desses signos pintados permitia aos grupos humanos uma estrutura específica de comportamento que rompe com o desenvolvimento biológico e criaria novas formas de um processo psicológico, mais fortemente baseado na cultura (Klein e Edgar 2004).

As pinturas rupestres seriam um destes signos culturais que contribuíram e/ou levaram os grupos humanos a realizar determinados comportamentos sociais, culturais, políticos, econômicos, psicológicos, entre outros. As marcas rupestres nas rochas agiram como guias. Compunham manuais de instruções do período nos locais onde estavam os grupos humanos e/ou para onde iam (Justamand 2006:37).

### **Quais relações as pinturas e/ou inscrições rupestres sugeriam?**

Há muitas relações sociais que as pinturas rupestres sugeriam: mostravam os animais caçados, domínio e posse destes. Mostravam espaços usados para moradia e algumas relações de respeito. Nelas estão presentes as cenas de rituais, de sexo, de parto, de brincadeiras, da domesticação de animais e de plantas. Todos esses são motivos cotidianos daquele período, que foram plasmados nas rochas, em locais muitas vezes de fácil acesso para todos. O acesso facilitado deve ser exatamente para que o grupo pudesse, em todos os momentos, consultar os ensinamentos e indicações dos afazeres ali inscritos (Justamand 2014:122). Os antigos habitantes de São Raimundo Nonato, por exemplo, deixaram vestígios de suas crônicas históricas sociais e diárias, afixando e regis-

trando-os nas pinturas rupestres, algumas há mais de 26000 anos (Lage 1998:204).

A arte figurativa com expressões reconhecíveis somente teria aparecido a partir de 12 milênios, na região do Parque Nacional Serra da Capivara, com suas diversas representações como: as de plantas, as cenas com a presença de humanos ou as dos objetos feitos por eles. Existem ainda as representações de inúmeras figuras geométricas de significado ignorado. Há também as representações de animais como: as capivaras, as siriemas, as onças, os tatus e os cervídeos. Aparecem representadas cenas de caça, de combates entre grupos humanos, de lutas individuais, as de execuções, as de relações sexuais – algumas caracterizadas pela presença de um observador – e há as de partos. Têm-se ali também representações de cerimônias de significado ignorado. Nessas cenas veem-se homens ornados com grandes cocares de penas. Há cenas com representações de filas de pessoas guiadas por um tocador de trompa e figuras com maracás (instrumentos chacoalhantes) nas mãos, conforme lembra Niède Guidon (1990).

Presumimos, então, que os habitantes e os artistas do período pintavam o que viam em seu entorno, e também o que achavam mais interessante para ensinar, transmitir e apreender, reconhecendo nelas os seus próprios costumes socioculturais (Justamand 2007:32).

As pinturas rupestres nos mostram algumas cenas com significados dedutíveis, como essas apontadas acima. Já há outras sem essa possibilidade, as quais ficariam sem saber o que tentaram informar como são as dos grafismos. Elas poderiam ainda nos apontar possíveis relações religiosas ou mesmo crenças que as imagens transmitiam. Mas apenas supostamente imagina-se que eram cenas com relações ligadas à religiosidade.

Parece-nos que algumas das necessidades primordiais dos primeiros habitan-

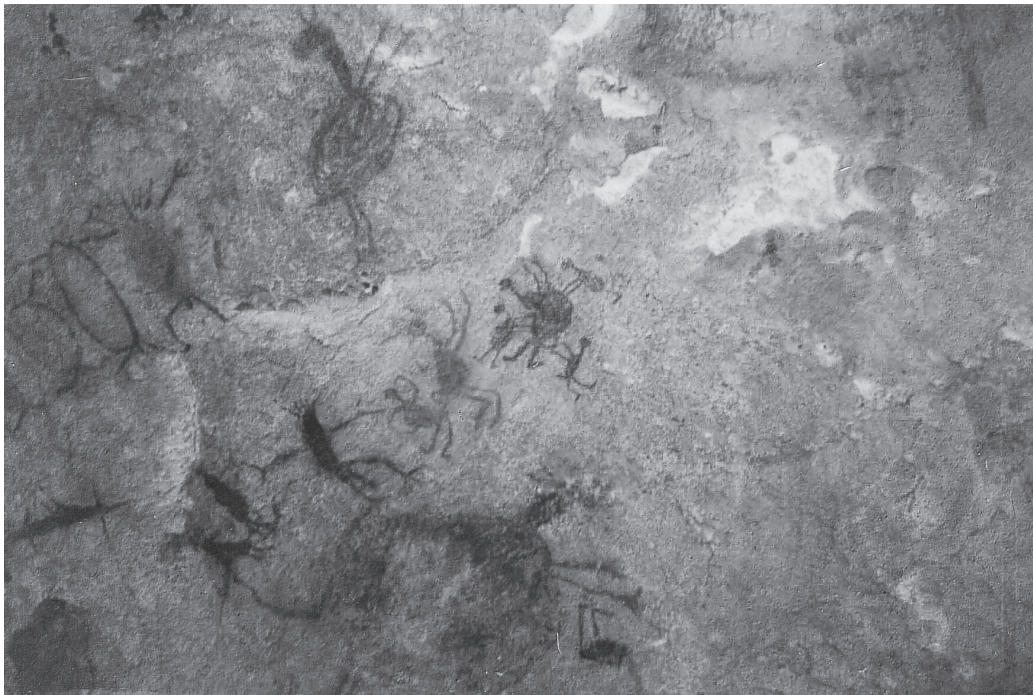


Figura 5. Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca, Serra da Capivara, Parque Nacional Serra da Capivara. Cena do Parto e sexo.

tes do Brasil estavam plasmadas nas pinturas rupestres como: o ato de caçar, de combater e de lutar. Todas em nome das condições, com nossa suposição, dignas de vida para o período. Estas necessidades essenciais eram voltadas para manter os grupos unidos, fortes e em alguns casos, pequenos, garantindo-lhes condições de se locomoverem quando fosse necessário, graças ao próprio número reduzido do bando.

Assim, não nos parece estranho que qualquer ancestral nosso daquele período conseguiria identificar o paredão onde tinha o melhor material para que se fizessem os instrumentos necessários à sua dinâmica de vida ou outro onde caberiam todos do bando para passarem momentos de uma situação climática inesperada, como muita chuva, muito sol ou ainda frio. Po-

deria ainda haver um local adequado para se realizarem eventos socioculturais, como os casamentos que proporcionariam as ampliações das relações com outros grupos (Shmitz 1984:31).

As pinturas foram feitas em locais dedicados algumas vezes à moradia por pequenos períodos. Apareciam também em espaços para rituais ou para as realizações de socializações entre os grupos. Por esses espaços apresentarem grandes dimensões cobertas que permitiriam o estabelecimento, ao menos, momentâneo dos grupos para as suas práticas sociais as mais variadas. E a presença das pinturas sugeriria que o local se destinava à realização de algum tipo de trabalho, como a preparação de instrumentos, sugerindo que esses espaços pintados serviriam para as práticas da diversão, graças às imagens ali plas-

madas (Justamand 2007:33). Os espaços, onde foram feitas as pinturas rupestres, poderiam servir também para marcar e delimitar o território de cada um dos grupos nômades (Shmitz 1984:31).

O realismo é uma das qualidades das pinturas rupestres. Característica essa incomum na arte primitiva. Dessa maneira, acredita-se que elas eram feitas para servir como uma ajuda visual. As pinturas rupestres serviriam também como um manual de caça, ajudando a criar e recriar os momentos mais problemáticos da situação, permitindo o revigoramento do conhecimento dos caçadores e instruindo os mais inexperientes (Dondis 1999:167).

As pinturas serviam de reforço para entendimento da vida, ou seja, seria um manual didático de compreensão social e de instrução para os iniciantes. Era o conhecimento se ampliando. Elas contribuíam para que os próprios adultos nunca se esquecessem dos ensinamentos acumulados, ali inscritos e passados ao longo das gerações e por anos.

Em muitos casos, foi usada a própria conformação natural da rocha. Os artistas rupestres aproveitavam as cavidades ou saliências para sugerir as formas do animal que era gravado nos sulcos das linhas de contorno, colorindo as áreas com pigmentos naturais: terra, que são os tons de ocre, óxido de ferro para o vermelho, carvão para o preto. Por esse motivo, os animais continuam um duplo significado. Eram ao mesmo tempo necessários para sobreviver, mas também poderiam representar figuras ancestrais destes humanos (Ostrower s/f:168).

Nas pinturas notam-se animais, que em alguns casos, não existem mais. Alguns que seriam caçados pelos primeiros habitantes da América, de onde os primeiros habitantes extraíam parte da alimentação. Mas esses mesmos animais poderiam ser fontes de culto e serem usados como “totens”. Alguns acreditam que por meio das

imagens, os humanos poderiam dominar e possuir os animais mais desejados e ou interessantes. Outra forma de ver a atitude que os desenhos transmitiam para nossos ancestrais era a do mais profundo respeito aos animais (Ostrower s/f:169).

Nas pinturas, ainda, estaria contida uma espécie de “força humana” que auxiliava nos afazeres cotidianos. Poderiam ter ainda “significados mágicos” para os artistas e seus grupos. Nessas obras de arte, com as mais célebres representações imagéticas de animais da arte das cavernas, as formas ditadas pelos acidentes naturais dos muros e rochas seriam completadas para nos darem figuras de enorme vigor simbólico (Pedrosa 1995:216).

Presume-se que os humanos ancestrais articulavam seu mundo por imagens. Impulsionavam-se por necessidades específicas, concebendo imagens em forma plástica para (re) conhecer, (re) processar e (re) armazenar o seu ambiente circundante, pois disso dependia a sua vida (Oliveira 1987:55). O humano do período precisava compreender e articular o mundo que o cercava em seu benefício e dentro de seus interesses; caso contrário seria esmagado por outras forças e não sobreviveria (Justamand 2007:37).

Tais imagens rupestres eram produzidas com o intuito de inserir as informações necessárias, algumas emprestadas, outras recebidas e outras ainda indicadas por seus pares ou mesmo pelos inimigos. Essas também serviriam e/ou contribuiriam para que os humanos conseguissem atuar em sociedade, com suas próprias redes de relações sociais e na cultura da qual eram partícipes. Assim, as imagens funcionavam como fontes de múltiplas aprendizagens dos conhecimentos acumulados ao longo das gerações anteriores.

Não notamos o dedo indicador do mestre, mas ele reina em todos os lugares. Também não notamos sua voz que está articulada claramente, o que para Michel

Foucault: “não é um cachimbo”. Do quadro à imagem, da imagem ao texto, do texto à voz, uma espécie de dedo indicador geral aponta, mostra, fixa, assinala, impõe um sistema de reenvio e tenta estabilizar um espaço único (Foucault 1985:35).

Estabelecendo, baseado em Foucault, um paralelo entre as pinturas rupestres como imagem poderia apontar para a relação entre ensino e aprendizagem, que por meio dessas imagens voltadas aos grupos daquele espaço/tempo, por intermédio da imagem do cachimbo, tornava-se texto “lido”. Tornando-se assim, uma entre as muitas outras formas de comunicação. As pinturas rupestres contribuíram diversas maneiras para a transmissão dos saberes e dos conhecimentos acumulados ao longo dos anos e por meio de milhares de gerações. Isso graças ao poder de fixação dos signos com seus significados nas rochas.

### **Considerações finais**

A necessidade de transmissão dos conhecimentos, informações e ideias acumuladas, está presente na espécie humana desde os tempos mais remotos. Muitas formas foram usadas para esse fim, ossos, cerâmicas, panos, materiais que desconhecemos. As pinturas rupestres representam uma dessas formas. Elas foram feitas em todos os continentes do globo. No continente americano aparecem muito. No Brasil, em todos os Estados. Permitiram um incremento de saberes e conhecimentos aos grupos usuários e aos posteriores transeuntes. Estão, em determinados casos, ainda dispostas para podermos interpretá-las e dali tirarmos conclusões sobre o cotidiano dos ancestrais continentais.

As pinturas rupestres, em alguns casos, permitem-nos fazer inferências sobre a sua utilização pelos povos mais antigos do continente. A partir delas, observamos determinadas relações entre as pinturas

rupestres e os afazeres dos grupos e/ou indivíduos. Observamos ainda, como eram as práticas de adaptação destes ao meio ambiente.

Por meio das cenas rupestres, também é possível observar as relações de dependência desta atividade essencial para o desenvolvimento psicológico, afetivo e sociocultural dos humanos e suas relações. Para nós, elas teriam tido a função de comunicação. Apontavam em suas cenas os interesses socioculturais dos grupos e também dos indivíduos. Parece-nos que outra função que tinham era permitir o maior e melhor relacionamento com o mundo circundante. Registravam a memória dos primeiros povos que aqui viveram.

Nas cenas rupestres estariam representados os grupos produtores e os interesses dos seus usuários. E nessas cenas, plasmaram suas mais diversas formas culturais. Eles deixaram, nas pinturas, transparecer seus costumes históricos e cotidianos. Nessas mesmas cenas, eram renovadas as relações sociais entre os diferentes grupos e/ou ainda dentro desses. Apontavam-lhes o estado em que se encontrava cada sociedade, seu modo de vida e a percepção de mundo que tinham. Eram os signos da comunicação por meio das quais se apresentavam essas intenções.

Graças às produções rupestres, as futuras gerações tinham garantido todos os conhecimentos culturais adquiridos ao longo de muitos anos. Eram de propriedade coletiva, não só do autor. Indicavam os modos de vida para os grupos ali atuantes, como a caça e a coleta. Para nós, elas colaboravam para completar o saber sociocultural, indo além da alimentação, indicavam os rituais e as formas de explorações territoriais.

Por serem de importância significativa para os grupos, elas estão espalhadas pelo mundo inteiro garantindo o transporte cultural de saberes e conhecimentos que são necessários para se viver em determina-

dos locais. As marcas rupestres gravadas nas rochas ainda indicavam alguns dos comportamentos e relacionamentos dos humanos com o meio ambiente. As cenas das lutas sociais representavam também as crônicas das histórias das lutas sociais dos grupos. São possíveis de se ver ainda, nas pinturas, algumas das plantas usadas para todos os fins, inclusive médicos e alimentares. Havia a presença das figuras com representações humanas, objetos criados por nossos ancestrais para representar as relações sociais. Elas poderiam indicar os possíveis locais de moradias, além das marcações territoriais, fornecendo condições para gerir a aprendizagem e garantindo a perpetuação dos saberes e conhecimentos adquiridos ao longo de anos e gerações. Funcionavam como guias de conduta e manuais de vida daqueles locais; eram como bibliotecas a céu aberto.

Os grafismos rupestres tiveram uma profunda colaboração relacional-cultural para as sociedades do período. Colaboração essa que vinha do passado para nós e que pode de alguma maneira ser útil para o presente e o futuro do continente. Este é o recado que estas formas imagéticas podem nos deixar.

### Agradecimentos

Agradeço a Mário Filho que me guiou muitas vezes no Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil. E a Niêde Guidon, presidente da FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano, por ter permitido todas as minhas visitas ao parque e as pesquisas nos laboratórios da instituição.

### Bibliografia

- ARNHEIM, R. 2000. *Arte e percepção visual*. Pioneira, São Paulo.
- COSTELLA, A. 1978. *Comunicação – do grito ao satélite*. Mantiqueira, São Paulo.
- DONDIS, D.A. 1999. *Sintaxe da linguagem visual*. Martins Fontes, São Paulo.
- ELIOT, T. S. 1988. *Notas para uma definição de cultura*. Perspectiva, São Paulo.
- FOCAULT, M. 1985. *Isto não é um cachimbo*. Paz e Terra, São Paulo.
- FRANCH, J.A.I. 1982. *Arte y antropología*. Alianza editorial, Madrid.
- GOSDEN, C. 2012. *Pré-História*. LPM, Porto Alegre.
- GUIDON, N. 1990. Pré-História no Piauí. *Revista Horizonte Geográfico* 3(12):40-48.
- HAUSER, Arnold. 1982. *História social da arte e da literatura*. Mestre Jou, Portugal.
- <http://www.epochtimes.com.br/pinturas-rupestres-ajudam-compreender-nossos-ancestrais/#.VBh-LpRdXQU>.
- JECUPÉ, K.W. 1998. *A terra de mil povos*. Peirópolis, São Paulo.
- JUSTAMAND, M. 2014. As pinturas rupestres do Brasil: memória e identidade ancestral. *Tubarão, Revista Memorare* 1(2):118-141.
- JUSTAMAND, M. 2006. *As pinturas rupestres na cultura: uma integração fundamental*. Alexa Cultural, Embu das Artes.
- JUSTAMAND, M. 2005. *As pinturas rupestres na História e na Antropologia: uma breve contribuição*. Margê, Francisco Morato.
- JUSTAMAND, M. 2008. As pinturas rupestres no Brasil: uma discussão atual. En *Olhares sobre a História do Brasil*, editado por E. Souza e J.G.C. GRILLO, pp. 13-33. Primeira Impressão, São Paulo.
- JUSTAMAND, M. 2006. *As relações sociais*

- nas pinturas rupestres*. Alexa Cultural, Embu das Artes.
- JUSTAMAND, M. 2012. *Comunicar e educar no território brasileiro: uma relação milenar*. Embu das Artes: Alexa Cultural.
- JUSTAMAND, Michel. 2010. *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- JUSTAMAND, Michel. 2007. *Pinturas rupestres do Brasil: uma pequena contribuição*. Alexa Cultural, Embu das Artes.
- KLEIN, R.G. e EDGAR, B. 2004. *O despertar da cultura. A polêmica teoria sobre a origem da criatividade humana*. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro.
- LAGE, M.C. 1998. *Datações de pinturas rupestres da área do PARNA Serra da Capivara*. Editora da UFPE, Revista Clío. (Série Arqueológica) n. 13, Recife.
- LEVI-STRAUSS, C. 1978. *Mito e significado*. Edições 70, Lisboa.
- MUKAROVSKY, J. 1988. *Escritos sobre estética e semiótica da arte*. Estampa, Lisboa.
- OLIVEIRA, A.C. 1987. *Neolítico: arte moderna*. Perspectiva, São Paulo.
- OSTROWER, F. Sin /fecha. A construção do olhar. En *O olhar*, editado por A. Novaes, pp. 167-175. Cia das Letras, São Paulo.
- PEDROSA, M. 1995. *Forma e percepção estética*. EDUSP, São Paulo.
- READ, H. 1991. *A arte de agora agora*. Perspectiva, São Paulo.
- ROSSI, P. 1989. *Os filósofos e as máquinas*. Cia. Das Letras, São Paulo.
- SHMITZ, P.I. 1984. *Arte Rupestre no Centro do Brasil*. Unisinos, Porto Alegre.

